



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

METODOLOGIAS DE(S)COLONIAIS: POSSIBILIDADES PARA PESQUISA EM EDUCAÇÃO DESDE O SUL

Carolina Schenatto da Rosa, Gilberto Ferreira da Silva (orient.)
Universidade La Salle

Resumo

O trabalho é recorte da dissertação em construção. Nosso objetivo é apresentar a proposta metodológica adotada e, se possível, contribuir para a discussão e o aprofundamento de alternativas de pesquisa que neguem ou, ao menos, relativizem a produção de conhecimento universal propagada pelo norte do globo. A partir de contribuições de pesquisadores latino-americanos, elaboramos uma proposta baseada na contínua apropriação teórica, revisão do objeto e análise ao longo do processo investigativo.

Palavras-chave: *metodologia, epistemologia, de(s)colonialidade.*

Área Temática: Ciências Humanas

1. Introdução - Propósito central do trabalho

Octavio Ianni, talvez o mais latino-americano dos sociólogos brasileiros, retomou em seus escritos o imaginário de unidade da América sob a ótica do nosso país, colocando o Brasil dentro do continente para dialogar com nossos “hermanos”. Para o autor, a América Latina é um labirinto de ideias que não pode ser compreendida como uma unidade abstrata (Ianni 1997), por isso, é necessário compreender as diferenças histórico-culturais entre os países para analisarmos a região.

Em suas diversas incursões por esse *labirinto*, o professor e pesquisador dedicou-se a investigar os *enigmas* de nosso continente a partir de temas variados: raça, violência, identidade cultural, Estado, regimes políticos, entre tantos outros. Para o autor, a realidade latino-americana pode ser interpretada como uma outra dimensão das realidades norte-americana e europeia, que vai descobrindo a si mesma na medida em que, em uma mescla de fascínio e assombro, passa a conhecer os seus colonizadores. E é por meio desta mescla de assombro e fascínio que, também, pesquisadoras e pesquisadores descobrem a si mesmas (os) e constituem-se como tal.

Para aquelas (es) que estão no início do processo desta autodescoberta e construção como pesquisadoras (es), como é o caso de quem vos escreve, o fazer-pesquisa pode tornar-se, por si só, um labirinto, uma jornada confusa entre correntes teórico-metodológicas, opções de pesquisa, hierarquias e adequações entre os interesses da (o) orientanda (o) e do (a) orientador(a). O tempo é curto e o caminho longo, perder-se por essas encruzilhadas não é difícil e acaba levando muitos pesquisadores a (re)produzir pesquisas e teorias profundamente influenciadas pelo conhecimento centralizado no norte global, sem a devida adequação das propostas de intervenção e/ou da mobilização de conceitos/autores utilizados.

Em um movimento contrário à colonização epistêmica, nosso propósito neste artigo é narrar as movimentações iniciais que fizemos pelo labirinto epistemológico-metodológico de nossa pesquisa, uma dissertação que versa sobre as possibilidades de diálogo entre a teoria de(s)colonial e a política de Educação de Jovens e Adultos. Ao evidenciar o nosso assombro e fascínio com os modelos de construção do saber e com as estruturas que guiam as investigações teórico-documentais nas ciências sociais, em especial na Educação, esperamos contribuir com



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

o debate e aprofundamento da perspectiva de(s)colonial enquanto alternativa metodológica para este tipo de pesquisa.

2. Marco Teórico

Falar em metodologia ou metodologias é falar em caminhos e, inevitavelmente, em perguntas. Em uma pesquisa, são as perguntas que orientam o caminho a ser percorrido. Sandra Corazza, no texto *Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos*, diz que o pesquisador, ao iniciar uma pesquisa, entra em um labirinto e, em seus caminhos incertos, são as perguntas, as inquietações, que o conduzem para o fim do percurso. Nesse sentido, a autora afirma que

Para além das exigências, penso que toda e qualquer pesquisa nasce precisamente da insatisfação com o já sabido [...] se alguém está satisfeito com o que está dado, com as formas como avalia, julga, categoriza, pensa determinado aspecto da realidade, vai passar tanto trabalho para investigar o quê e para quê? (CORAZZA, 2002, p. 111)

Na perspectiva da de(s)colonialidade, vamos para além das metodologias e epistemologias que “norteiam” (no sentido literal) o “já sabido”; mudamos de lugar físico, geográfico, assumimos um outro lugar epistêmico que não estava presente até agora. É justamente essa insatisfação com o “já sabido”, essa *curiosidade epistemológica*, que motivou e motiva diversos pesquisadores (as) latino-americanos a investigarem suas realidades a partir de pressupostos que neguem ou, ao menos, relativizem a produção de conhecimento universal propagada pelo norte do globo. A partir de nossas especificidades desenvolvemos formas singulares de teorizar e analisar a realidade: a pedagogia do oprimido, a teologia da libertação, a teoria da dependência e tantas outras linhas interpretativas que sugerem que, aqui, teoria é indissociável de ação. A característica mais explícita das teorias latino-americanas (sejam elas pedagógicas, antropológicas ou sociológicas) é a vocação crítica que faz com que os pesquisadores levem os sujeitos a sério, engajando-se em projetos que estão para além das revistas e das pesquisas acadêmicas.

Nesse sentido, as pesquisas guiadas pelas correntes da de(s)colonialidade visam, de forma geral, discutir e evidenciar essa vasta teia de relações entre sujeitos e nações que partilham a herança cultural, econômica, social e política deixada pela colonização europeia. As produções intelectuais dessa vertente de pensamento tendem a não seguir o padrão de construção científica do conhecimento consolidado pela racionalidade ocidental/colonial/eurocêntrica, sem, no entanto, abrir mão de critérios válidos para a pesquisa acadêmica, que garantam o rigor metodológico aliado à inclusão de uma gama de saberes, tradições, elementos culturais, dinâmicas e visões de mundo que são considerados *vulgares* pela perspectiva dominante. Como exemplos dessas pesquisas, destacamos os trabalhos de Claudia Fonseca (2000), Eduardo Restrepo (2010), Arturo Escobar (2014), Nestor Canclini (1990), Orlando Fals Borda (1973), Octavio Ianni (1997), entre outros, pelo compromisso teórico-metodológico em compreender e identificar as formas de pensamento dos grupos sociais analisados sem tentar encaixá-los em teorias dominantes.

Esse movimento introspectivo, de olhar para si antes de mirar em cenários e teorias globais é ainda mais necessário para pesquisas que, além da discussão teórico-conceitual, propõem-se a dialogar com políticas públicas e com a realidade concreta. Fals Borda e Mora-Osejo, no texto *La superación del eurocentrismo. Enriquecimiento del saber sistémico y endógeno sobre nuestro contexto tropical*, tratam da importância da contextualização geográfica, cultural e histórica na elaboração das investigações acadêmicas. Por isso, a contextualização é um princípio geral da pesquisa, que deve livrar-se dos preceitos da exterioridade e generalidade das ciências sociais para ater-se às complexidades e especificidades do contexto analisado. Para os autores,



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Tan elevado aprecio por el conocimiento originado en Europa, de frente a las realidades naturales, culturales y sociales de ese continente, impide percibir las consecuencias negativas que ello implica cuando se transfieren y se intenta utilizarlos para explicar realidades tan diferentes, como las que son propias del medio tropical complejo y frágil, y sobre todo tan diferente al de las zonas templadas del planeta. Quizás por esto mismo, ni siquiera en nuestras universidades, y menos aún en los centros tecnológicos, educativos y culturales perciben la urgente necesidad de nuestras sociedades de disponer, junto al conocimiento universal, de conocimientos contextualizados con nuestras realidades singulares y complejas. (MORA-OSEJO; FALS BORDA, 2004, s/p.)

Tendo em vista o contexto singular de cada região, a relação entre uma ciência epistemologicamente comprometida e a política pública se estreita. Essa relação é a dimensão social e política da própria pesquisa e é uma das possibilidades de diálogo entre o campo acadêmico e a sociedade civil. A resistência da academia a estas metodologias e epistemologias não-hegemônicas acaba refletindo na nossa própria percepção da realidade e na elaboração e execução das políticas, que também se baseiam nos paradigmas hegemônicos, promovendo o que Fals Borda chama de *colonialismo intelectual*.

No livro *Ciência Própria e Colonialismo Intelectual*, o autor salienta que a dependência científica das pesquisas latino-americanas dificulta o pensamento criador e a originalidade das investigações. Nas palavras do autor, faz-se necessário

trabajar arduamente con nuestros materiales y realidades, tratando de articular nuestras respuestas con fórmulas, conceptos y marcos de referencia de aquí mismo [...] fortalecer la investigación autónoma e independiente de los hechos sociales, estimulando el pensamiento creador y la originalidad. Esto es indispensable, porque las realidades encontradas son de un tipo conflictivo y diacrónico sobre el cual se conoce muy poco en los países avanzados de donde se difunden las pautas científicas. (FALS BORDA, 1973, p. 19)

Na perspectiva metodológica, a descolonialidade visa reinscrever na história aquilo que foi negado pela razão moderna. Ou seja, desenvolver uma pesquisa neste viés não significa ocupar um lugar de oposição à consciência e aos métodos investigativos consolidados; pelo contrário, no campo metodológico, esse movimento representa a soma de tudo aquilo que vem sendo considerado insuficiente para a pesquisa na perspectiva hegemônica, como, por exemplo, a intencionalidade e o papel político do pesquisador. Nas palavras de Walsh, é preciso repensar as próprias bases científicas, questionar a epistemologia das ciências sociais:

Es decir, refutar los supuestos que localizan la producción de conocimiento únicamente en la academia, entre académicos y dentro del cientificismo, los cánones y los paradigmas establecidos. También refutar los conceptos de racionalidad que rigen el conocimiento mal llamado “experto”, negador y detractor de las prácticas, agentes y saberes que no caben dentro de la racionalidad hegemónica y dominante. Tal refutación no implica descartar por completo esta racionalidad, sino hacer ver sus pretensiones coloniales e imperiales y disputar su posicionamiento como única, de esta manera cuestionan también la supuesta universalidad del conocimiento científico que preside las ciencias sociales, en la medida en que no capta la diversidad y riqueza de la experiencia social ni tampoco las alternativas epistemológicas contra-hegemónicas y decoloniales que emergen de esta experiencia. (WALSH, 2007, p.104)

A autora questiona, nesse sentido, se é possível uma *pluri-versalidad epistemológica* na produção do conhecimento científico, ou seja, uma coexistência de saberes que seja capaz de reconhecer, compreender e divulgar a diversidade e a riqueza de experiências existentes para além dos paradigmas acadêmicos. Em diálogo com Walsh, acreditamos que, assim como no campo da cultura, o processo de mestiçagem, o hibridismo e o sincretismo representam



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

processos de resistência ao domínio colonial, esses mesmos mecanismos estão presentes no campo da pesquisa acadêmica. Por tanto, torna-se necessário repensar as formas de produção, validação e compartilhamento do conhecimento acadêmico. Ou seja, torna-se necessário repensar o método; esse conjunto de regras que servem para orientar a prática da pesquisa não necessita ser imutável para ter rigor.

Não há apenas um único método, um único caminho para cada pesquisa e essa escolha não precisa, necessariamente, ser feita antes da percepção do caso como um todo. Com isso queremos dizer que a construção da pesquisa é um processo que está em constante transformação e quanto mais liberdade o pesquisador tiver para percorrer os caminhos teóricos, o objeto e o contexto com um todo, maior qualidade terão as análises.

Nas expressões de Walsh (2007), o percurso metodológico adotado e a preocupação epistemológica da investigação devem permitir que o debate ocorra *casa adentro* – a transformação interna da academia – e *casa fora* – o diálogo da pesquisa com a realidade para além da academia.

O pesquisador, enquanto sujeito, não precisa estar oculto, desvinculado do texto ou do resultado político de seu trabalho – ainda que este seja teórico e que a possibilidade de diálogo se limite apenas às leitoras (es) do produto final da dissertação – neste sentido, produzir um texto de fácil leitura e com fluidez também é uma forma de democratizar o método e o diálogo com quem não caminha pelo universo acadêmico. Teses e dissertações podem ser mais do que momentos de formação e, portanto, não devem ter por finalidade apenas a discussão “interna”; ou seja, os trabalhos devem ter acessibilidade e intencionalidades que ultrapassem o espaço acadêmico. Para tanto, é necessário que a escolha metodológica e a escrita do trabalho possibilitem a fluidez do texto. Um texto fluído, além de ser de fácil leitura pelo vocabulário, permite que os leitores “caminhem” pelos capítulos sem “tropeços”, com continuidade.

É necessário, portanto, pensar e exercitar a pesquisa na perspectiva da transformação da realidade. Como se dá, neste caso, a combinação entre reflexão e ação? Onde se encontra a dimensão prática e transformadora da pesquisa? As metodologias participativas, uma “marca registrada” do nosso continente, evidenciam que teoria sem prática é ineficaz para transformar a realidade, pois é a ação concreta, dotada de consciência e intencionalidade, que nos permite modificar o mundo. Entretanto, essas mesmas metodologias nos ensinam, também, que a prática consciente exige reflexão e a reflexão, por sua vez, exige o conhecimento teórico – daí a dialética da Educação Popular, por exemplo, que não desvincula a formação da consciência da formação da experiência e da ação.

Alex Moraes, ao abordar as contribuições de Fals Borda para a teoria e metodologia de(s)colonial, sugere que a Investigação Ação Participativa (metodologia desenvolvida pelo pesquisador) propõe uma “ciência rebelde e subversiva”,

Rebelde porque se opõe abertamente ao colonialismo intelectual fixado pelas regras do jogo científico internacional. Regras caracterizadas pela imitação sistemática, pela importação de paradigmas e pelos ditames de cientificidade e publicabilidade promovidos nos meios de divulgação científica dominantes. Subversiva porque busca ativamente a mobilização de estratégias para modificar a ideologia que permeia o ensino das ciências sociais, tanto no norte como no sul global. (MORAES, 2013, p.27)

Nesse sentido, nossa proposta é realizar movimentos de pesquisa que andem na “contramão” do *colonialismo intelectual* e, de certa forma, na “contramão” do imaginário e dos discursos que a academia produz/dissemina sobre nosso objeto e sobre o seu lugar na produção do conhecimento científico. O exercício de pesquisa narrado é uma das etapas da formação de consciência da pesquisadora que vos escreve e, por isso, não contempla o método em sua dimensão reflexiva e prática. Apesar de acreditarmos que os processos de descolonização da academia e das políticas educacionais exigem a ação e a participação coletiva, esta proposta contempla uma etapa da dimensão reflexiva, que antecede a ação e pretende ser desdobrada e aprofundada em trabalhos futuros. Pois não consideramos possível construir/discutir políticas públicas sem o prévio exercício reflexivo e aprofundamento teórico.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Mas o que isso significa? Para Corazza (2002), cada pesquisa já produzida deve funcionar como uma “referência-flecha” para outras investigações e inventos. Nesse sentido, por meio dos escritos destes autores, percebemos que narrar o percurso metodológico, compreender os caminhos e as escolhas teóricas e epistemológicas que levaram a construção e, posteriormente, à solução do problema de pesquisa é mais importante do que enquadrar os caminhos percorridos em um modelo pré-estabelecido. Portanto, para pensarmos os aspectos metodológicos de nossa pesquisa, tentaremos nos desvincular dos pressupostos epistemológicos eurocêntricos, que dominam as formas de construção e legitimação do conhecimento científico. A escolha pela pesquisa teórico-documental deu-se pelo fato de que, para o processo de construção da dissertação e de constituição desta mestrandia enquanto pesquisadora, acreditamos ser necessário, primeiramente, apropriar-nos das fontes documentais e do arcabouço teórico para, então, realizar uma pesquisa empírica. Pois,

Os instrumentos para a construção de um problema de pesquisa – com os quais montamos as estratégias e táticas dessa guerrilha de suspeição – não podem ser outros que os das teorizações que já foram produzidas. Por isto, a nosso modo e com nossos limites, temos o dever de nos apropriar – pela via do estudo – dos territórios teóricos e com eles estabelecer interlocuções, ao mesmo tempo em que vamos lembrando das teorias. (CORAZZA, 2002, p. 119)

Assim, a construção da pesquisa científica dá-se por meio da apropriação teórico-conceitual, sem a qual é impossível construir ou executar um projeto investigativo. Nesse sentido, a pesquisa funciona “como uma flecha, que um/a pensador/a atira, assim como no vazio, para que outro/a a recolha e possa, por sua vez, também enviar a sua, agora em outra direção” (Corazza, 2002, p. 106). Recolhemos algumas “flechas” que serão úteis para a construção de nossa metodologia: com Paulo Freire aprendemos que a pesquisa, seja ela de modalidade participante, um estudo de caso, um levantamento ou uma análise documental, serve para (re)invertarmos nossas ações e a nós mesmos, afinal, “pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1998, p.32).

Neste sentido, pesquisa é um diálogo e, por isso, caracteriza-se como um trabalho contínuo e colaborativo de ação e de reflexão que exige o envolvimento mútuo de todos os sujeitos que participam do processo. Em uma pesquisa bibliográfica, o diálogo pode ocorrer nos momentos de orientação, na banca de qualificação, em eventos científicos e, ainda, por meio das “flechas” que compõem referencial. Entretanto, para que esse diálogo ocorra é necessário que estabeleçamos o *corpus*, o que de fato pretendemos analisar na investigação.

Ainda com Freire, aprendemos que uma postura crítica e comprometida é baseada na tolerância e no diálogo; o que, para na elaboração desta proposta metodológica, significa estarmos abertos para os diferentes métodos e ferramentas de pesquisa, buscando a complementação que melhor atendas às nossas necessidades. É importante que “a pura diferença não seja razão de ser decisiva para que se rompa ou se inicie um diálogo através do qual pensares diversos [...] não possam concorrer para o crescimento dos diferentes, para o acrescentamento dos saberes” (FREIRE, 2001, p.17). Isso significa que baseamos nosso caminho metodológico em diferentes propostas que, em diálogo, complementaram-se para a construção de nossa pesquisa.

3. Metodologia

O primeiro movimento reflexivo que nos foi necessário para situar a nós mesmos e a nossa pesquisa dentro a perspectiva de(s)colonial foi compreender que os *estudos de(s)coloniais* não são apenas uma alternativa teórico-metodológica: são uma opção política, ética e filosófica que perpassa por toda a compreensão ser/estar/agir no mundo e com o mundo. Tendo isso em vista, nosso desafio foi encontrar opções metodológicas que estivessem epistemologicamente alinhadas com nossas compreensões sobre o processo de construção do conhecimento.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

A lógica sequencial, bastante linear, apresentada por Triviños (2008) pareceu-nos inadequada para uma dissertação cujo projeto de qualificação não apresentou metodologia clara, amparado no pressuposto de que “*faria o seu caminho ao caminhar*” (Freire; Horton, 2003). Por essa razão, de forma convergente com as contribuições de Triviños para a pesquisa em educação, utilizamos noções da proposta metodológica elaborada pelo pesquisador Jairo Ferreira (2012; 2016), desenvolvida para a investigação em midiatização e comunicação.

Ao elaborar uma rápida arqueologia da pesquisa qualitativa, Triviños (2008) lembra-nos que as origens desta metodologia estão na antropologia e na sociologia. Uma das razões pelas quais essas duas ciências elaboraram essa metodologia própria é a comunicação; ação que dá sentido à vida em sociedade. Concordamos com Freire (2017) que educação, comunicação e cultura estão intrinsicamente relacionados; por essa razão, consideramos apropriado utilizar uma metodologia originária da comunicação como aporte para a pesquisa educacional.

A necessidade desta junção metodológica está relacionada com a lógica argumentativa que guia todo o processo de construção da pesquisa. Triviños (2008) elabora suas contribuições para o campo metodológico considerando dois princípios argumentativos: o dedutivo e o indutivo. Tendo em vista que a própria de(s)colonialidade é um processo de resistência que está sempre em amadurecimento e transformação, no qual teoria e objeto por vezes confundem-se nesta dinâmica; e considerando, ainda, a trajetória pessoal da autora e os movimentos de construção da pesquisa em questão, pareceu-nos que os argumentos lógicos não poderiam ser interpretados nem como indutivos, nem como dedutivos. No *labirinto latino-americano*, não há linearidade ou lógica causal; construções teórico-epistemológicas desenvolvem-se entre corredores e encruzilhadas que mesclam culturas, espaços e tempos: a colonização deu lugar à colonialidade, o direito à privacidade virtual é debatido em paralelo ao direito à alfabetização e acesso à educação pública, por exemplo. E a pesquisa constrói-se nessa mesma dinâmica.

De acordo com o autor, “o processo de pesquisa qualitativa não admite visões isoladas, parceladas, estanques. Ele desenvolve em interação dinâmica retroalimentando-se, reformulando-se constantemente [...]” (TRIVIÑOS, 2008, p.137). Por essa razão, seguimos os princípios da *abdução* (FERREIRA, 2016), metodologia marcada pela interdependência entre os referenciais, os objetos analisados e os indícios observados durante todo o processo de investigação. A lógica abductiva pode ser compreendida como um movimento contínuo, no qual o aprofundamento teórico, a verificação dos objetos e o refinamento das análises ocorrem durante toda a pesquisa. Esse movimento tem por objetivo estabelecer relações entre elementos já conhecidos para descobrir o que lhes é comum e investigar o singular e, então, descobrir algo novo. De acordo com Ferreira (2016, p.206), é um “método de análise de processos não lineares, em que sentimentos e experiência, existência e forma se articulam [...]” na análise crítica dos processos estudados.

Assim, nosso *corpus investigativo* refletiu a não linearidade e as articulações existentes entre os espaços ambíguos ou híbridos entre uma política de libertação, reflexão/ construção da consciência crítica e transformação da realidade; e de reprodução/manutenção da *colonialidade do saber e do poder*, que compõem a política educacional. Ele foi composto conforme a figura que segue:

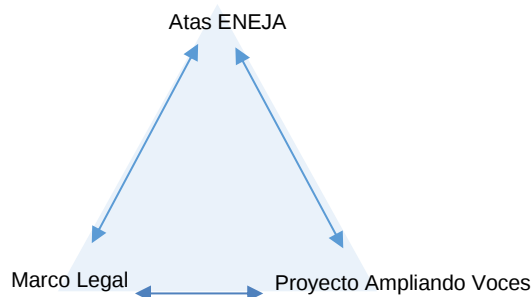


Figura 1 Lógica de análise: relações entre os objetos. Fonte: elaborado pela autora, 2017



A *análise dos dados* foi feita a partir da adaptação do esquema proposto por Ferreira (2016), que é uma analogia na qual “cada argumento deixa de ser autônomo em relação ao outro, para ser logicamente solidário e dependente dos outros” (p.209). Ao desenvolver suas analogias, Ferreira baseou-se no trabalho do pesquisador argentino Eliseo Verón, precursor dessa corrente na América Latina. Para ambos, a analogia consiste em uma representação gráfica do processo metodológico. A nossa adaptação levou em conta as necessidades e especificidades da educação e, por isso, baseamo-nos, novamente, em Triviños (2008) e sua técnica de triangulação de dados.

A análise do conteúdo que, para Triviños (2008) tem potencial o “desvendar das ideologias que podem existir nos dispositivos legais, princípios, diretrizes, etc. que, à simples vista, não se apresentam com a devida clareza” (p.160). Está sendo feita a partir das informações contidas no esquema, preenchido seguindo a seguinte lógica:

Na primeira coluna, pintada de verde, estão localizadas as *metáforas*. Recorremos ao romance “O Carteiro e o Poeta”, escrito por Antônio Skármeta, para justificar nossa escolha pelas metáforas. A história é cercada por metáforas e pela beleza das relações de aprendizagem entre Pablo Neruda e Mário. Com as personagens aprendemos que metáforas são mais do que expressões populares ou recursos poéticos, elas têm carga subjetiva que se altera sempre que é posta em relação com algo; elas têm história e contexto. Nesta pesquisa elas são como categorias. Optamos por não utilizar estas últimas, conforme a análise de conteúdo apresentada por Triviños e desenvolvida por Bardin, por compreender que as categorias exigem uma predefinição, que deve ser aplicada, reconhecida ou não nos aspectos analisados. As metáforas, por sua vez, assumem um sentido para cada perspectiva, por exemplo: o que *trabalho* significa na perspectiva dos sujeitos? O que *unidade* significa a perspectiva da análise?

A escolha das metáforas foi mais uma das flechas que Paulo Freire gentilmente deixou em seus escritos e nós recolhemos. Ao narrar sua experiência como assessor do governo na República Democrática de São Tomé e Príncipe, Freire (2011) descreve quatro características que são indispensáveis para a reconstrução nacional: unidade, disciplina, trabalho e vigilância. Em tempos em que “ordem e progresso” são *slogam* de governo, consideramos o jogo de palavras adequado para analisar as dinâmicas da (des)colonialidade presentes entre as perspectivas.

Na linha superior, em azul, encontram-se três perspectivas baseadas na proposta de triangulação e dados de Triviños (2008). A primeira delas, “Perspectiva Cidadã”, corresponde às análises do Relatório Final do Projetos Voces da EPJA e das atas dos Encontros Nacionais de EJA. Na segunda, “Perspectiva das Políticas”, corresponde às análises do Marco Legal da PNEJA. E, por fim, na “Perspectiva Latino-Americana”, será analisado o contexto da América Latina, tendo por base nossos referenciais teóricos.

Foi construído, dessa forma, o seguinte esquema:

	Perspectiva Cidadã	Perspectiva das Políticas	Perspectiva Latino-Americana
Unidade			
Disciplina			
Trabalho			
Vigilância			

Figura 2- Esquema Metodológico. Fonte: Elaborado pela autora, 2017

4. Considerações Finais

Conforme mencionamos no início deste texto, nosso trabalho ainda está em curso, de modo que este exercício narrativo se constitui como um dos movimentos de pesquisa que compõem a metodologia e constroem novos caminhos no *labirinto* investigativo pelo qual caminhamos. Nosso enfoque foi a construção do esquema metodológico adotado e sua justificativa, uma vez que narrar a construção metodológica da pesquisa como um todo,



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

englobando a descrição dos objetos com a profundidade técnica adequada ultrapassaria o limite de páginas permitido para publicação.

Como em muitas outras metodologias, a escolha das estratégias metodológicas levou em consideração o objeto de investigação da dissertação, as especificidades da pesquisa em educação e o arcabouço teórico-epistemológico que utilizamos. O que acreditamos ser o que a diferencia das demais é contínua revisitação e (re)elaboração destes critérios durante toda a construção da pesquisa, propriedade do método *abductivo*, que ainda não localizamos em outras pesquisas na área da educação.

Nossa intenção com essas escolhas é não interpretar objeto, teoria e método separadamente. Compreendemos esse método como uma tentativa de “criar e recriar e não repetir o que os outros dizem” (FREIRE, 2011, p.73).

Referências

CANCLINI, Nestor García. Culturas Híbridas: Estrategias para entrar y salir de la modernidad; México: Editorial Grijalbo, 1990.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 105-131.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación de modernidad/colonialidad Latinoamericano. Revista Tabula Rasa, nº1. Colômbia: Universidad Colegio Mayor de Cundinamarca, 2003, p. 51-86.

FALS BORDA, Orlando. Ciencia propia y colonialismo intelectual. México: Nuestro Tiempo, 1973.

FERREIRA, Jairo. A construção de casos sobre a mediação e a circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. Revista Galáxia [online], n.33, São Paulo, 2016. pp.199-213.

_____. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. Revista Intexto, n.27. Porto Alegre: UFRGS, 2012. p. 161-172.

FONSECA, Cláudia. Família, Fofoca e Honra. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. Política e Educação. 6ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo; HORTON, Myles. O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

IANNI, Octavio. El labirinto latinoamericano. Ciudad Universitaria, México: UNAM, 1997.

MORA-OSEJO, Luis Eduardo, FALS BORDA, Orlando, La superación del Eurocentrismo. Enriquecimiento del saber sistémico y endógeno sobre nuestro contexto tropical. POLIS, Revista



SEFIC2017
UNILASALLE

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

Latinoamericana [en linea] 2004. Disponível em:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=30500703>

MORAES, Alex Martins. Ciência rebelde e desobediência epistêmica: um breve “encontro” com Orlando Fals Borda. Revista Cadernos IHU, nº44. Instituto Humanitas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2013, p. 26-44.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Popayán: Samava, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/ culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. NOMADA, Revista da Universidad Central da Colombia, 2007. p. 102-113. Disponível em:
https://www.ucentral.edu.co/images/editorial/nomadas/docs/nomadas_8_son_posibles_catherin e.pdf